Dia 5 — Santa Águeda, Virgem e Mártir

Santa Águeda, a primeira das quatro principais virgens e mártires do Ocidente, tão celebradas na Igreja universal, nasceu na Sicília por volta do ano do Senhor de 230. Há nobre competição entre as duas famosas cidades de Catânia e de Palermo sobre qual das duas teve a glória de ter sido berço e pátria de nossa santa; mas o que está fora de toda dúvida é que, no tempo da perseguição, vivia Águeda em Palermo e que padeceu o martírio em Catânia. Era sua casa uma das mais nobres da Sicília; e, como seus ilustres pais professavam a religião cristã, criaram a menina em toda a piedade, desvelando-se em dar-lhe uma educação correspondente a seu nobre nascimento.

Desde logo descobriu Águeda um entendimento vivo e desembaraçado. Era rica e formosa, tanto que passava pela maior formosura de seu tempo; mas o que a fazia mais sobressalente era sua singularíssima virtude. Destacou-se tanto nela desde seus mais tenros anos que desde logo fez voto de não ter outro esposo que Jesus Cristo, consagrando-lhe sua virgindade, sendo já desde sua infância o exemplo e a admiração de todas as donzelas.

Não pôde ver sem muita irritação tanta virtude o inimigo comum de nossa salvação. Excitou furiosas tempestades para que naufragasse nelas seu voto e sua constância. Declararam-se pretendentes de sua mão quantos cavaleiros nobres tiveram notícia de sua formosura e de suas prendas. Mil vezes a combateram, mas nunca a expugnaram, contando-se as vitórias pelas batalhas e as palmas pelos choques.

Achava-se Águeda em Catânia quando Quinciano, governador da Sicília, ouviu falar do extraordinário mérito e das raras prendas que adornavam a terna serva de Jesus Cristo. Quis vê-la e, pela relação que lhe fizeram assim de suas grandes riquezas como de sua singular formosura, resolveu-se desde logo a pretendê-la por esposa e no mesmo instante mandou buscá-la.

Quando Águeda teve notícia da ordem do governador, não duvidou de que o Senhor havia aceitado o sacrifício que lhe havia feito de sua vida e creu firmemente que já havia chegado o tempo de cumpri-lo.

Encerrou-se em seu quarto; e, cheia de gozo com a esperança de juntar a coroa de mártir à de virgem, fez ao Senhor esta oração fervorosa: Senhor meu Jesus Cristo, meu Deus e meu divino esposo, bem conhecidos tendes meus pensamentos, patente vos está de par em par meu coração: vós só sois seu único dono, e vós o sereis eternamente; nem sofrerei jamais que ninguém entre a dividir convosco o império. Esposa vossa sou, livrai-me deste tirano; ovelha vossa sou, defendei-me deste lobo. Eia, Senhor, concedei-me a graça de que seja sacrificada como humilde vítima que está

consagrada a vós desde que a razão e a liberdade me permitiram a ventura de fazer-vos este obséquio. A hora do sacrifício se aproxima; abram-se, Senhor, vossos ouvidos à piedade ardente de meus amorosos votos. Acabada a oração, levantou-se animosa e tomou o caminho de Catânia. Em todo ele não se ocupou seu pensamento senão em considerar que ventura tão grande era a de derramar o sangue por amor de Jesus Cristo; a viagem era uma oração contínua, e, alentando o coração com nova confiança, assim caminhava à morte como poderia caminhar a um triunfo.

Acabava de publicar o imperador Décio editos severos e terríveis contra os cristãos. Pareceu a Quinciano que esta era bela conjuntura para o logro de seus intentos, obrigando a santa a condescender com eles ou a renunciar a religião cristã. Viu-a e ficou extremamente enamorado de sua beleza e, não tendo valor para falar-lhe como juiz, contentou-se em entregá-la a uma maldita velha chamada Afrodísia, cuja profissão era enganar as donzelas, sendo sua casa escola de dissolução e teatro de lascívia.

Não podia o tirano condenar nossa santa a suplício mais cruel nem que lhe causasse mais horror. Tampouco é possível declarar quanto teve que padecer a puríssima donzela de solicitações importunas, de tratamentos durísimos, de menosprezos e de ultrajes, por espaço de um mês que esteve naquela infame casa. Não fazia mais que derramar seu coração na presença de Deus, pelos olhos em precioso pranto e pela boca em suspiros e orações, suplicando-lhe que não a desamparasse em tempestade tão desfeita. Deu-se por vencida a porfiada solicitude de Afrodísia e, passando ao palácio de Quinciano, deu-lhe o último desengano, declarando-lhe que antes abrandaria a dureza de um diamante do que conseguiria fazer mossa no coração de Águeda; porque, senhor — concluiu a perversa velha —, esta donzela é cristã; e, sendo-o, que esperança pode haver de pervertê-la?

Ao ouvir estas palavras, mudou de afetos o peito do governador e, apoderando-se a sanha, a cólera e o furor do lugar que antes ocupava o amor, jurou pelos deuses imortais que havia de fazê-la padecer os mais terríveis tormentos. Mandou-a comparecer diante de si e, lançando centelhas pelos olhos, perguntou-lhe como se chamava e de que família era. Meu nome é Águeda — respondeu a santa —, e minha família a conheces tu muito bem; de modo que não podes ignorar quem eu seja. — Pois como — replicou Quinciano —, tendo nascido livre e de casa tão ilustre, quiseste igualar-te à miserável condição dos escravos? — Se o ser serva de Jesus Cristo é ser escrava — respondeu a santa donzela —, desde logo faço gloriosa vaidade desta nobre escravidão; porque não conheço nem maior, nem sequer verdadeira nobreza, senão a de servir a este Senhor. Instou-a o governador para que sacrificasse aos deuses do império, ameaçando-a de que, se não o fazia espontaneamente, saberia obrigá-la com o rigor dos tormentos. Tu queres — disse a santa — que eu sacrifique aos deuses do império; mas dize-me: que deuses são esses? Um pedaço de madeira ou um bloco de mármore que o artífice poliu em estátuas; um Júpiter, que, segundo vossas mesmas histórias, não fez mais proezas que escandalizar o mundo com suas maldades; uma Vênus, que te envergonharias tu de ter uma mulher que se parecesse com ela.

Irritado Quinciano com uma resposta tão discreta quanto animosa, mandou aos verdugos que descarregassem naquele formosíssimo rosto cruéis bofetadas; e, não se atrevendo por então a passar adiante com o interrogatório, ordenou que a encerrassem numa escura prisão, com esperança de obrigá-la a que renunciasse à fé, ou com resolução de expô-la aos mais horríveis

tormentos.

No dia seguinte fê-la comparecer segunda vez perante seu tribunal e, dissimulando o furor com a ternura, perguntou-lhe com carinho artificioso se havia pensado seriamente em olhar por si e em salvar sua vida. E como não havia de pensar — respondeu a santa. — Pois, filha minha, renuncia logo a Jesus Cristo — replicou o tirano. — Que chamas renunciar a Jesus Cristo? — respondeu intrepidamente a santa donzela. — Precisamente por ter pensado com a maior seriedade em salvar minha vida, não posso renunciar a Jesus Cristo, porque esse Senhor é minha vida, esse é minha saúde, esse é meu único dono. Quinciano, não penses que tuas ameaças nem teus tormentos hão de fazer-me vacilar. Não se lança com maior ânsia a uma fonte de água cristalina o sedento cervo abrasado do calor e da sede do que eu tenho de dar a vida por aquele doce Salvador que me remiu derramando a última gota de seu sangue. Afia o aço, acende o fogo: nada bastará a separar-me daquele dulcíssimo dono a quem amo mais que a mim mesma. Quinciano, numa palavra, tu poderás tirar-me a vida, mas não poderás arrancar-me da fé.

Pode conceber-se, mas não pode explicar-se quanto se enfureceu o tirano ao ouvir uma resolução tão generosa. Mandou que no mesmo instante a estendessem no eculeu, que moessem a pauladas aquele delicado corpo, que rasgassem aquelas puríssimas carnes com garfos e com unhas aceradas e que abrasassem aqueles tenros flancos com chapas de metal acesas. Tantos, tão cruéis e tão repetidos tormentos que, atropelando-se uns aos outros, estremeciam e enchiam de horror os circunstantes e até os mesmos gentios, padecia-os nossa santa não só com heroica constância, mas com indizível alegria.

Crescia a sanha de Quinciano à medida que ia subindo de ponto o invicto sofrimento de nossa Águeda; e, não contente com a inaudita crueldade de fazer atenazar seus virginais seios, chegou à barbárie de mandar cortar-lhos. Não cedeu a santa donzela a uma dor tão vergonhosa quanto cruel e só se contentou em censurar-lhe modestamente sua horrível desumanidade, protestando-lhe que nem por isso faria mossa em sua firmeza. Achou-se tão envergonhado Quinciano de ver-se vencido por aquela donzelinha terna que segunda vez a mandou encerrar no cárcere, com ordem de que a deixassem morrer ali de suas feridas.

Apenas entrou Águeda no calabouço, uma celestial luz desterrou sua escuridão banhando-o de resplendor. Deixou-se ver no meio dela o glorioso apóstolo São Pedro, que a curou milagrosamente. Chegou à notícia de Quinciano, e mandou-a comparecer terceira vez perante seu tribunal, mas sem dar-se por entendido da milagrosa cura, que os gentios atribuíam sempre a efeito de feitiçaria. É preciso — disse-lhe — resolver-te desde este mesmo ponto a sacrificar a nossos deuses ou prevenir-te para padecer tormentos mais cruéis que todos os passados. — Como nem no céu nem na terra — replicou a santa — reconheço mais Deus que o que eu sirvo, nunca me resolverei a dobrar a outro o joelho. Ao ouvir estas palavras, aceso em novo furor o tirano, mandou que a arrastassem nua, primeiro por brasas acesas e depois por pontas e cacos de vasilhas feitas em pedaços. Serviu o novo tormento de matéria a novo triunfo. Apenas se deu princípio à execução, estremeceu a cidade com um espantoso terremoto; afundaram-se muitos edifícios, veio abaixo uma parede que sepultou entre suas ruínas Silvano, conselheiro, e Falcão, amigo de Quinciano, principais autores de sua crueldade e atiçadores ambos de sua ira. Alvoroçou-se o povo; e o governador viu-se obrigado a assegurar sua vida com a fuga. Foi Águeda restituída ao cárcere

e, apenas entrou nele, fez ao Senhor a oração seguinte.

Deus poderoso, Deus eterno, que por puro efeito de vossa misericórdia infinita quisestes tomar sob vossa especial amorosa proteção esta vossa humilde serva desde que se achava nos primeiros arrulhos do berço, preservando-a do contagioso amor do mundo, para que meu coração ardesse unicamente no puríssimo incêndio de vosso amor; Salvador meu Jesus Cristo, que quisestes conservar-me em meio de tantos tormentos para maior glória de vosso nome e para confusão vergonhosa do poder das trevas, dignai-vos de receber minha alma na eterna feliz estância dos bem-aventurados; esta é a última graça que peço e que firmemente espero de vossa infinita bondade. Ao dizer isto expirou. Sucedeu sua preciosa morte no dia 5 de fevereiro de 251. No mesmo instante apoderaram-se do virginal e vitorioso corpo os cristãos e deram-lhe sepultura na cidade de Catânia com toda a veneração que correspondia a tão ilustre martírio.

Chegando aos ouvidos de Quinciano a notícia da morte da santa e temendo nova sedição do povo, retirou-se precipitadamente. Chegou em posta ao rio Simeto (então Simeta), que hoje se chama Jarreta; e, metendo-se numa barca para passá-lo, um de seus cavalos agarrou-o com os dentes pelo pescoço e ao mesmo tempo outro disparou-lhe um coice tão furioso que, lançando-o no rio, não foi possível livrá-lo nem achar-se depois seu corpo.

Desde o mesmo dia em que morreu, Santa Águeda foi celebrada em todo o orbe cristão. Os milagres que Deus começou a obrar em seu sepulcro deram logo o testemunho mais autêntico de sua poderosa intercessão, e a cidade de Catânia conheceu o grande defensivo que tinha em suas relíquias. Ainda não se havia cumprido o ano de seu glorioso martírio quando, enfurecido o vulcão do monte Etna e vomitando de suas entranhas caudalosos rios de fogo que iam correndo arrebatadamente e pareciam haver de converter em cinzas a cidade, tomaram os cristãos o véu que cobria o sepulcro da santa e, saindo intrépidos ao encontro das chamas, puseram-se diante delas. Raro prodígio! No mesmo instante detiveram-se os turbilhões de fogo; de maneira que, tendo começado o incêndio no dia primeiro de fevereiro, cessou no dia cinco, que era o da morte e o da festa de nossa santa. Este prodígio repetiu-se muitas vezes, e sempre com novas experiências do que pode no céu a proteção de Águeda.

É muito antigo na Igreja o ofício de nossa santa, com a singularidade, que só tem exemplo no de Santa Inês, de rezarem-se nele os salmos do comum dos santos mártires, para dar a entender aos fiéis o heroico valor e a animosidade varonil com que estas duas ternas donzelas deram a vida em defesa da fé e de sua virgindade. Fez-se lugar no cânon da missa ao nome de Santa Águeda; sendo também muito reparável que até os ingleses o conservam ainda hoje em seu calendário, em testemunho de sua antiga veneração por nossa santa.

Martirológio Romano

Em Catânia, na Sicília, a festa de Santa Águeda, virgem, a qual padeceu no tempo do imperador Décio sob o juiz Quinciano; depois de ter sido primeiramente esbofeteada e posta em prisão, depois de estendida sobre o cavalete e atormentada com diversas torturas e de lhe terem sido

cortados os seios, foi arrastada sobre cacos de panelas quebradas e sobre brasas e, por último, voltada ao cárcere, onde expirou fazendo oração.

Na província do Ponto, a memória de muitos mártires que foram, durante a perseguição de Maximiano, uns borrifados com chumbo derretido, outros feridos debaixo das unhas com canas pontiagudas; e, depois de outros muitos horríveis tormentos, que se reiteraram várias vezes, mereceram todos, com uma gloriosa morte, receber de Deus a coroa de glória.

Em Alexandria, Santo Isidoro, mártir, que foi decapitado pela fé de Jesus Cristo, durante a perseguição de Décio, por ordem de Numeriano, general de exército.

No Japão, a morte de vinte e seis mártires que foram postos em cruzes pela fé católica e feridos a lançadas; suplícios em que morreram celebrando os louvores de Deus e pregando esta mesma fé.

Em Viena do Delfinado, Santo Avito, bispo e confessor, o qual teve meio, com sua fé, destreza e admirável doutrina, para preservar as Gálias do contágio da heresia ariana.

Em Bresenon (Brixen), os santos bispos Genuíno e Alvino, cujas vidas foram gloriosas por seus milagres.

Missa (oração)

A missa é em honra de Santa Águeda, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui inter cætera potentiæ tuæ miracula, etiam in sexu fragili victoriam martyrii contulisti: concede propitius, ut qui beatæ Agathæ virginis et martyris tuæ natalitia colimus, per ejus ad te exempla gradiamur: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que entre as outras maravilhas de vosso poder soubestes dar forças ainda ao sexo mais frágil para que pudesse conseguir a vitória do martírio, concedei-nos a graça de que, celebrando a memória de vossa virgem e mártir Santa Águeda, possamos caminhar para vós pela imitação de seus exemplos: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 1 da primeira que escreveu São Paulo aos Coríntios.

1 Coríntios 1,26-31

> **Latim:** [26] Videte enim vocationem vestram, fratres, quia non multi sapientes secundum carnem, non multi potentes, non multi nobiles : [27] sed quæ stulta sunt mundi elegit Deus, ut confundat sapientes : et infirma mundi elegit Deus, ut confundat fortia : [28] et ignobilia mundi, et contemptibilia elegit Deus, et ea quæ non sunt, ut ea quæ sunt destrueret : [29] ut non glorietur omnis caro in conspectu ejus. [30] Ex ipso autem vos estis in Christo Jesu, qui factus est nobis sapientia a Deo, et justitia, et sanctificatio, et redemptio : [31] ut quemadmodum scriptum est : Qui gloriatur, in Domino glorietur.

Português: [26] Vede pois, irmãos, a vossa vocação, porque chamados não forão muitos sabios segundo a carne, não muitos poderosos, não muitos nobres: [27] mas as cousas que ha loucas do mundo escolheo Deos, para confundir aos sabios: e as cousas fracas do mundo escolheo Deos, para confundir as fortes: [28] e as cousas vis, e despreziveis do mundo escolheo Deos, e aquellas que não são, para destruir as que são: [29] para que nenhum homem se glorie na presença d'elle. [30] E do mesmo vem serdes vós o que sois em Jesu Christo, o qual nos tem sido feito por Deos sabedoria, e justica, e santificação, e redempção: [31] para que, como está escrito: O que se glória, glorie-se no Senhor.

Nota

«Achando-se em Éfeso o Apóstolo, soube por alguns coríntios da família de Cloé o que se passava naquela igreja e as divisões que reinavam entre os fiéis. Uns se chamavam discípulos de Pedro, outros diziam-se discípulos de Paulo. Ao mesmo tempo recebeu algumas cartas dos mesmos coríntios, nas quais o consultavam sobre vários pontos de moral, especialmente a respeito do matrimônio e da continência. Isto deu motivo à primeira carta que lhes escreveu no ano do Senhor de 56.»

Reflexões

Videte vocationem vestram: Olhai bem qual é a vossa vocação. Devemos muito pouca reflexão, ou ao menos não consideramos tanto quanto deveríamos, o benefício de nossa vocação ao cristianismo. Pudemos nascer (quem o duvida?) de pais hereges ou gentios; e não foi uma singularíssima graça do Senhor que nascêssemos dentro do seio da santa Igreja? Oh, que grande ventura a de ter sido regenerados nas salutares águas do batismo! Oh, que favor ser parte daquele pequenino rebanho que reconhece por pastor a Jesus Cristo! Nada fez o acaso; tudo foi obra da Providência. Compreendemos bem o valor deste grande benefício? Não há salvação fora do grêmio da santa Igreja; filhos somos desta mãe; enorme ingratidão será não apreciar como devemos um benefício tão estimável; será indigna torpeza incorrer em falta de reconhecimento. Compraz-se o Senhor não poucas vezes em escolher o mais desprezível do mundo para maior ostentação de suas

maravilhas e para maior confusão de nosso orgulho. Quando lograremos curar-nos de uma paixão que vai correndo a ser loucura? Quando conheceremos que o orgulho nos faz desprezíveis e ridículos? E quando acabaremos de conhecer o mérito, a nobreza e as utilidades da humildade cristã? Porque, em suma, que somos nós? Nós, que pelo espaço imenso de uma eternidade fomos nada e que no presente, ainda que sobressaiamos no posto mais elevado, ainda que presumamos do nome mais aplaudido, ainda que nos lisonjeemos do mérito mais sobressalente, se estamos em pecado mortal, somos menos que o mesmo nada aos olhos daquele grande Deus que faz conceito cabal das coisas? Na verdade, acreditamo-nos de insensatos, somos dignos da maior compaixão se pensamos de outra maneira. Que conceito se faz de um homem de humilde condição que, tendo a imaginação perturbada, se figura ser rei ou papa, fala com majestade e se ensoberbece com soberania? Pois o mesmo precisamente devemos formar de nosso enfatuamento, de nossa presunção, de nossa vaidade e da imaginária suficiência que nos supomos, fazendo-nos muita mercê. Sem verdadeira virtude não há mérito verdadeiro. A Religião, a verdadeira piedade, a fidelidade no serviço de Deus fazem respeitáveis os homens aos próprios anjos. Não há entendimento bom senão o que faz um juízo são das coisas. Não há outra prudência senão a prudência cristã. Todo aquele que zomba das verdades da Religião ou as despreza é desprezível. É um entendimento rasteiro, apoucado, de esfera limitada, que, não perdendo de vista a terra, fala das matérias espirituais como poderia falar um cego dos objetos sensíveis que jamais viu e de que não tem ideia. Bem curta capacidade tem quem não faz diferença entre uma pedra vulgar e um precioso diamante. Digno é de compaixão quem em meio dos maiores perigos se diverte sem conhecê-los.

Tudo isto faz o que vive sem reflexão e sem freio. Jesus Cristo é nossa verdadeira, nossa única sabedoria. Tudo o que não se conforma com sua doutrina, tudo o que se opõe a suas máximas, é erro, é tolice. Toda a nossa glória devemos colocá-la em servi-lo, toda a nossa sabedoria deve consistir unicamente em obedecer-lhe.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus.

Mateus 19,3-12

> **Latim:** 3 Et accesserunt ad eum pharisæi tentantes eum, et dicentes : Si licet homini dimittere uxorem suam, quacumque ex causa ? 4 Qui respondens, ait eis : Non legistis, quia qui fecit hominem ab initio, masculum et feminam fecit eos ? Et dixit : 5 Propter hoc dimittet homo patrem, et matrem, et adhærebit uxori suæ, et erunt duo in carne una. 6 Itaque jam non sunt duo, sed una caro. Quod ergo Deus conjunxit, homo non separet. 7 Dicunt illi : Quid ergo Moyses mandavit dare libellum repudii, et dimittere ? 8 Ait illis : Quoniam Moyses ad duritiam cordis vestri permisit vobis dimittere uxores vestras : ab initio autem

> non fuit sic. [9] Dico autem vobis, quia quicumque dimiserit uxorem suam, nisi ob fornicationem, et aliam duxerit, mœchatur : et qui dimissam duxerit, mœchatur. [10] Dicunt ei discipuli ejus : Si ita est causa hominis cum uxore, non expedit nubere. [11] Qui dixit illis : Non omnes capiunt verbum istud, sed quibus datum est. [12] Sunt enim eunuchi, qui de matris utero sic nati sunt : et sunt eunuchi, qui facti sunt ab hominibus : et sunt eunuchi, qui seipsos castraverunt propter regnum cælorum. Qui potest capere capiat.

Português: [3] E chegára-se a elle os Fariseos tentando-o, e dizendo: He por ventura lícito a hum homem repudiar a sua mulher, por qualquer causa? [4] Ele respondendo, lhes disse: Não tendes lido, que quem creou o homem desde o principio, féllos macho e femea? e disse: [5] Por isto deixará o homem pai, e mãi, e ajuntar-se-ha com sua mulher, e serão dous n'huma só carne. [6] Assim que já não são dous, mas huma só carne. Não separe logo o homem o que Deos ajuntou. [7] Replicárao-lhe elles: Pois porque mandou Moysés dar o homem a sua mulher carta de desquite, e repudiála? [8] Respondeo-lhes: Porque Moysés, pela dureza de vossos corações vos permitiu repudiar a vossas mulheres: mas ao princípio não foi assim. [9] Eu pois vos declaro, que todo aquele que repudiar sua mulher, se não he por causa de fornicação, e casar com outra, commette adulterio: e o que se casar com a que outro repudiou, commette adulterio. [10] Disserão-lhe seus discípulos: Se tal he a condição de hum homem a respeito de sua mulher, não convem casar-se. [11] Ao que elle respondeo: Nem todos são capazes d'esta resolução, mas sómente aquelles, a quem isto foi dado. [12] Porque ha huns castrados, que nascerão assim do ventre de sua mãi: e ha outros castrados, a quem outros homens fizerão taes: e ha outros castrados, que a si mesmos se castrrão por amor do reino dos ceos. O que he capaz de compreender isto, comprehenda-o.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que as verdades da Religião são eternas, permanentes, invariáveis, que nem as sutilezas do engenho podem diminuir, nem o estrago dos costumes nem a variedade dos tempos podem alterar. Elas unicamente são as que, falando em todo o rigor, se devem chamar verdades.

Discorram os homens como lhes aprouver; sofistiquem os mundanos e os dissolutos tudo quanto quiserem, ponha-se de sua parte o amor-próprio com todas as suas sutilezas e arapucas; reclame contra elas o coração humano e amotinem-se contra elas os sentidos: sempre será verdade que não estamos neste mundo para outra coisa senão para servir a Deus, para amá-lo e para comprazê-lo; que nosso único negócio é o da salvação; que o caminho do inferno é largo e muitos vão por ele; que a senda do céu é estreita; que o mundo é inimigo de Cristo e que não há coisa mais perniciosa que seguir as máximas do mundo. Sempre será verdade que uma vida regalada e deliciosa não pode ser vida cristã; que ninguém pode ser discípulo de Cristo não tendo uma vida

crucificada; que o caráter do cristão é a caridade, a humildade, a mortificação, os costumes regrados; que o pecado é o maior de todos os males e, falando propriamente, é o único mal; que as adversidades e as cruzes são tesouros para quem sabe aproveitar-se delas; que toda a nossa felicidade consiste em estar em graça de Deus e a maior das desditas em morrer em sua desgraça; que há um inferno em que todo o poder de Deus se emprega em acender um fogo eterno para castigar eternamente os pecadores; e que para ir ao céu não há outro caminho que o da inocência ou o da penitência.

Sempre será verdade que nem os que cometem injustiças, nem os desonestos, nem os adúlteros, nem os que se entregam ao torpe vício da moleza ou a outros infames pecados, nem os que retêm o bem alheio, nem os avarentos, nem os dados à embriaguez, nem os murmuradores, nem os que não perdoam de coração as injúrias, nem os que vivem de rapina, nem os idólatras, nem os hereges, nem os que estão fora do grêmio da santa Igreja Católica Apostólica Romana ou não se rendem com humildade a suas definições, sempre será verdade que estes não possuirão o reino dos céus. Esta é a doutrina de nossa religião; estas as verdades eternas que a Igreja aprendeu do próprio Jesus Cristo; isto é o que cremos; esta é a lei que professamos; estes são os princípios por onde se governaram os santos; e este será o livro por onde todos havemos de ser julgados. Vivamos como quisermos, seja qual for nosso estado, nossa condição ou nossa classe, por esta regra se há de governar nossa vida, e esta deve ser a pauta de toda a nossa conduta.

Ó meu Deus, e em que insondável abismo de reflexões não me introduzem estas verdades! E que manancial inesgotável de arrependimentos e de justos sobressaltos não brota destas mesmas reflexões!

Segundo ponto

Considera se te servirão algum dia de consolo estas grandes e importantes verdades ou se, pelo contrário, não te encherão de desesperação, servindo de motivo ao decreto decisivo de tua condenação eterna e à sentença mais terrível de todas as sentenças.

Tens regulado até aqui tua vida por este indispensável modelo? Foram estas divinas verdades a regra de teus costumes? Esta filosofia moral de Jesus Cristo foi também a tua? Poderás dizer com verdade: *Hæc omnia custodivi a juventute mea*? Desde meus mais tenros anos tenho observado fielmente todas estas coisas? Tenho caminhado por este caminho, tenho guardado estes mandamentos, não me tenho governado por outras máximas? Penetrado meu coração destas grandes verdades, sempre amei meu Deus com fidelidade; sempre o servi com resolução; em nada pensei senão em salvar-me; nunca perdi de vista meu único fim; conservei a inocência batismal toda a vida?

E, se tive a desgraça de perder esta inocência pelo pecado, dediquei-me depois a fazer muita penitência? Fui tão inimigo do mundo e de suas máximas que me tenham causado horror suas vaidades? Dá-nos bom testemunho disto nossa consciência? É o Evangelho a regra de nossos costumes? É nossa vida semelhante à vida dos santos? Somos verdadeiros discípulos de Cristo?

E não provam demasiadamente o contrário nossos desejos, nossas palavras e nossos pensamentos?

Duvidar dos dogmas de nossa religião é infidelidade. Seremos mais fiéis se duvidamos de sua doutrina? Os artigos devem ser a regra do entendimento; os mandamentos, da vontade; aqueles nos ensinam o que devemos crer, estes o que devemos obrar. São as obras como a alma da fé; e por isso a fé sem obras é uma fé morta. O cristão que não vive regulado pelas verdades que crê e que professa não é mais que fantasma de cristão.

Ó meu Deus! E, em vista disto, a grande segurança com que se vive pode nascer de outro princípio que de um funesto letargo? Todos cremos estas verdades tão grandes, tão importantes; mas nem por isso somos melhores. Mas quem nos faz viver tão seguros? Que violência é preciso fazer-se para salvar-se! Que vitória das paixões! Que mortificação por toda a vida! Que pureza, que retidão, que humildade! Por estes sinais se conhecem os escolhidos; estes traços caracterizam os justos. Se a nós nos pintassem por eles, sairia o retrato parecido ao original? Quem nos vê julgará que está vendo uma viva cópia das verdades do Evangelho?

Ah, meu Deus, e quanto tenho de que acusar-me! Tudo posso, tudo devo temer à vista das verdades práticas de minha religião: elas formam meu processo; mas, doce Jesus meu, apelo ao tribunal de vossa misericórdia; e, pois me haveis feito a graça de abrir-me os olhos para conhecer meus descaminhos, espero que não me negareis a de dar-me tempo para repará-los e para que daqui em diante regule minha vida pelas verdades que creio.

Jaculatórias

> *Beati, qui scrutantur testimonia ejus, in toto corde exquirunt eum.* Sl 118.

Bem-aventurados, Senhor, os que, instruídos de vossa santa lei, a praticam e vos buscam de todo o seu coração.

> *Gressus meos dirige secundum eloquium tuum, et non dominetur mei omnis injustitia.* Sl 118.

Dirigi, Senhor, meus passos pela senda de vossos mandamentos e não permitais que me deixe dominar de algum pecado.

Propósitos

1. Tem presente que os mandamentos da lei de Deus são tão de fé como os artigos. O mesmo Senhor que nos ensinou uns nos ensinou os outros; e tão de fé é que para salvar-nos é preciso viver segundo o Evangelho como o é que Jesus Cristo é nosso Salvador. Pois dedica hoje algum espaço de tempo para examinar seriamente e sem lisonjear-te se viveste até aqui segundo o Evangelho. Formarão um fiel retrato teu a caridade, a pureza, a retidão, a humildade de coração, a mortificação, a modéstia e todas as demais virtudes cristãs? Mereceu-te o maior cuidado o negócio de tua salvação, e tens empregado ou empregas muito tempo na solicitude deste importante negócio? Não te contentes com uma olhada superficial, indaga bem a virtude que te falta. Mas não basta fazer esta descoberta: ainda que te achasses destituído de todas as virtudes, não pares aqui nem te desalentes: escolhe duas ou três virtudes daquelas que te são mais necessárias e, pedindo ao Senhor com fervor e zelo as graças de que necessitas para praticá-las, resolve-te generosamente a começar desde logo seu exercício, propondo repetir seus atos em quantas ocasiões se oferecerem. Estes propósitos, escritos num papel, põe-nos por registro no breviário, ou no livrinho de tuas devoções, ou aos pés do crucifixo diante do qual fazes oração, ou tem-nos na mesa onde estejam sempre à vista para lembrar-te do que deves trabalhar. Conduz muito esta diligência para fixar nossos propósitos e serve admiravelmente para tornar menos ineficazes nossas resoluções.

2. Não te esqueças do que diz o apóstolo São Tiago: Quem guarda toda a lei, quebrantando só um mandamento dela, é como se todos os quebrantasse e se faz responsável de todos. Quer dizer que tanto se menospreza a autoridade do legislador com a transgressão de um só preceito como com a de todos. A razão é, acrescenta o Apóstolo, porque o mesmo que te disse: Não serás adúltero, o mesmo disse também: Não matarás, não desejarás a mulher alheia, não serás cobiçoso nem avarento, etc. Em virtude disto, guarda-te bem de viver muito tranquilo porque possuas certas virtudes de que te lisonjeias vaidosamente, quando talvez são mais temperamento que virtude, sem dar-te muita pena por adquirir outras de que certamente careces. És caritativo, és reto, és justificado à toda prova: isso edifica muito. Mas aquele que disse: Não farás agravo ao menor de teus irmãos, disse também: Amarás a teus inimigos, serás apacível e humilde de coração, não serás arrebatado nem colérico. Causa-te horror uma palavrinha que soe a menos pura; tua compostura, tua modéstia causa edificação: isto é muito louvável. Mas aquele que disse: Não escandalizarás com o mau exemplo, disse também: O mundo é meu maior inimigo, e ninguém pode servir bem a dois senhores, ao mundo e a mim. Disse que quem não renunciava a si mesmo e não levava sua cruz não podia ser seu discípulo. Disse que era preciso restituir a fazenda alheia e que era preciso socorrer os pobres com a própria. Destes antecedentes hás de inferir consequências práticas e todos os dias, quando estiveres ouvindo a missa, protestarás a Jesus Cristo que queres ser seu discípulo e, como tal, praticar tal e tal virtude que não tiveste até agora, mas que esperas, mediante sua divina graça, ter daqui em diante. Em todo caso, começa pelas que são indispensáveis: a caridade, a pureza, a religião, etc. E não te esqueças de que a lei e os profetas se reduzem a estes dois mandamentos: Amarás a Deus de todo o teu coração e ao próximo como a ti mesmo.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:35 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:35 by Admin